

Resenha

GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, 376 p.

DE TEXTOS E DE PARATEXTOS

Rodrigo da Costa Araujo (Doutorando, UFF)

rodrigoara@uol.com.br

Na obra intitulada *Paratextos Editoriais* [2009] - originalmente em francês *Seuils* [1987] -, Gérard Genette procede ao estudo das relações transtextuais e define uma dessas categorias, a paratextualidade ou transcendência textual do texto, como “aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público” (p.9). Tal conceito compreende o texto em íntima ligação com uma estrutura que o envolve e contribui para que tome forma e produza sentidos. Este texto, segundo Genette (2009, p.9), geralmente se apresenta reforçado por certo número de produções, sejam elas verbais ou não-verbais (p.9) e, que, de certa forma, o cerca e o prolonga, exatamente para apresentá-lo, para torná-lo presente e garantir sua presença no mundo, sua “recepção” e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro.

A palavra paratexto é composta do prefixo grego *para*, que designa, semanticamente, uma modificação da palavra texto. Conforme a etimologia de origem, tal prefixo indica, desde logo, algo que se coloca perto de, ao lado de; pode ser usado para exprimir a ideia de tempo, duração. Algo que acontece paralelamente a outra coisa. Ao compor a nova palavra, portanto, sinaliza uma organização textual que se coloca ao

lado de uma outra, com a qual mantém uma relação direta, não de dependência, mas de continuidade. Para Genette (1982, p.10), os elementos constitutivos do paratexto são:

Título, subtítulos, intertítulos; prefácios, preâmbulos, apresentação, etc.; notas marginais, de rodapé, de fim; epígrafes; ilustrações; dedicatórias, tira, jaqueta [cobertura], e vários outros tipos de sinais acessórios, [...], que propiciam ao texto um encontro (variável) e às vezes um comentário, oficial ou oficioso, do qual o leitor mais purista e o menos inclinado à erudição externa nem sempre pode dispor tão facilmente quanto ele gostaria e pretende.

Esses elementos constitutivos, segundo o crítico francês, - que se apresentam nas franjas do texto -, retomam o texto como força discursiva. Daí serem elementos limítrofes, e, por isso mesmo, não deveriam ser lidos na sua marginalidade, mas, pelo contrário, como verdadeiros atos de linguagem. Eles, de certa forma, ajudam a obra, mesmo antes de ser livro, como se o texto ficasse preso nas suas próprias franjas e se estivesse tornado tal, pelo simples fato delas existirem, conferindo-lhe, nesse caso, existência.

Na perspectiva paratextual, o texto é ampliado pelos elementos-fronteira que o envolve, como os elementos pré-textuais e pós-textuais, mas também pela rede de comentários, próprios da crítica ou fora do âmbito dela. Assim, percebendo-se uma relação interdiscursiva, chega-se ao hipertexto. Com esse intuito, o prolongamento da obra, a partir de seus invólucros, tem as funções de apresentar e presentificar, torná-la presente, assegurando sua recepção. Estas instâncias são, no entanto, de ordem enunciativa, linguístico-pragmática. Se a clausura do texto remete para a instância do enunciado, a fronteira que caracteriza o devir livro do texto é de natureza enunciativa.

Este espaço envolvente e ao mesmo tempo fundador do texto, zona de fronteira entre a escrita e o livro como presentificação, alude à dimensão comunicacional da textualidade.

Além dessa dimensão, para Genette (1987, p.8), a referência ao umbral não remete apenas à uma zona de transição entre uma textualidade e outra, mas, sobretudo, a uma zona de transação, na mediada em que “é o lugar privilegiado de uma pragmática e de uma estratégia, de uma ação sobre o público”. Por isso, ele é adaptável e recontextualizável. Mas, é, ainda, segundo o estudioso, o paratexto que apresenta uma particularidade suplementar: “Se o texto propriamente dito é da responsabilidade exclusiva do seu autor, o mesmo não se passa com o paratexto que depende, também, em alguns casos, unicamente do editor”.

Ao delimitar a obra, o paratexto funciona ainda como a sua porta de entrada, estabelecendo a ponte entre um dentro e um fora, mais precisamente, instaurando os acessos ao seu interior, provocando, assim, estranhamentos e descobertas.

O paratexto caracteriza-se por possuir uma força discursiva que pode ser determinada em cada caso específico. Um elemento do paratexto pode comunicar uma simples informação, uma intenção ou mesmo uma interpretação. A instância cuja força ilocutória é mais rica e imediata é o título, mas também, o prefácio se oferece, muitas vezes, como um dispositivo criador de regras, de compromissos, de expectativas e até de interpretações fornecidas previamente que condicionarão a leitura.

Como demonstra o autor (1987, pp.10-11), o paratexto é formado por duas modalidades paratextuais. Dependendo da situação, pode-se falar, segundo ele, do peritexto e do epitexto. O peritexto refere-se à uma categoria espacial marcada pela continuidade ou unidade da obra. Os elementos peritextuais circundam o texto dentro do

próprio espaço da obra, estando em continuidade direta, como o nome do autor, os títulos e intertítulos e toda materialidade daí advinda, como as indicações de coleção, capa, ilustração etc. O epitexto, por sua vez, também está situado no entorno do texto, porém a uma distancia marcada por uma descontinuidade em relação à obra. Os elementos epitextuais são divididos em públicos, os que tomam forma nos suportes midiáticos, como as entrevistas do autor, debates, resenhas etc., e os privados, como correspondências e diários que, com o tempo, podem passar a integrar a obra.

Assim, o epitexto é, por excelência, o discurso do mundo, na mediada em que ele envolve o livro, o lança mesmo, mas sem nele se misturar. É-lhe totalmente exterior. Esse inventário de mensagens paratextuais que circulam a obra, segundo o escritor, não possui uma regularidade constante e sistemática: existem livros sem prefácio, autores refratários às entrevistas e sabemos de épocas em que não era obrigatória a inscrição de um nome de autor, ou mesmo de um título, diz ele (2009, p.11). Os caminhos e meios do paratexto, não cessam de modificar-se conforme as épocas, afirma ele (2009, p.11). As vias e modos do paratexto, assim, sofrem modificações constantes a partir das épocas, culturas, gêneros etc. Nesse contexto, fica claro que na época midiática é multiplicada a produção de discursos que circulam uma obra, o que contribui significativamente para a sua divulgação.

A noção de paratexto e a sistematização das práticas textuais desenvolvidas por Genette em *Paratextos Editoriais* [2009], à luz de realizações na literatura ocidental, especificamente na França, mostram-se um material importante para o pesquisador de literatura, voltado aos estudos comparados. Como toda tentativa de sistematização de conceitos e limites entre as produções paratextuais, o livro suscita discussões e discordâncias, mas ao mesmo tempo, abre perspectivas ao estudo do discurso e da

literatura, não pretendem deslocar o estudo da coerência e estrutura da obra, de forma a examinar as implicações semânticas e discursivas consubstanciais nas opções formais dos autores.

REFERÊNCIAS:

GENETTE, Gérard. *Palimpsestes. La littérature au second degré*. Paris: Seuil. 1982.